

**UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO EPIGRÁFICO:
O CASO DE SAGUNTO NO SÉCULO I D.C.**
A METHODOLOGICAL APPROACH TO THE EPIGRAPHIC STUDIES: THE
CASE OF SAGUNTO IN THE FIRST CENTURY AD

Carlos Eduardo da Costa Campos

Vol. XII | nº24 | 2015 | ISSN 2316 8412



Uma perspectiva metodológica para o estudo epigráfico: O caso de Sagunto no século I d.C.

Carlos Eduardo da Costa Campos¹

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar uma metodologia para análise epigráfica que seja útil aos pesquisadores de História, utilizando como exemplo o estudo de caso sobre a cidade romano de Sagunto, no século I d.C.. Em nossa abordagem privilegiamos em segmentar a grade metodológica, com o interesse de proporcionar uma análise mais apurada e com maior detalhe sobre as informações contidas nas inscrições epigráficas.

Palavras-chave: Metodologia, Epigrafia, História Antiga.

Abstract: The paper is a somewhat indirect part of the 'theme essay' around which the present volume is organized. The proposal is to present a methodology for epigraphic analysis that is useful to researchers of history. We focus on segmenting the methodology. Therefore, it has the interest to provide a more thorough analysis and more details about the information contained in the epigraphs.

Keywords: Methodology, Epigraphy, Ancient History.

A dinâmica social e a democratização do conhecimento acadêmico se acentuaram nas últimas décadas, possivelmente devido ao avanço dos sistemas tecnológicos, os quais geraram um amplo desenvolvimento de teorias e perspectivas científicas². No Brasil, o campo de Estudos Clássicos e sobre o Oriente Antigo apresentara notável crescimento de pesquisas e publicações, sobretudo, em decorrência do maior acesso a documentação e historiografia destas áreas de investigação. Todavia, como lidar com essa diversidade documental? Como podemos nos aprofundar nas informações contidas no documento? Em nosso caso, o ponto que nos inquieta consiste sobre os usos documentais de matriz epigráfica, voltados às investigações históricas referentes à área de História Antiga Romana.

François Hartog (2003, p. 190) argumentou que ao analisarmos o nosso *corpus documental*, o mesmo necessita de um tratamento teórico-metodológico para aprimorar nosso olhar, pois não podemos deixar de lembrar que a relação entre o pesquisador e o documento não é simples e nem imediata. Complementando os apontamentos de Hartog, notamos que, ao empregarmos o arcabouço teórico-

¹ Doutorando em História Antiga pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ), Brasil; e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orientado pela Profa. Dra. Maria Regina Candido do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ), Brasil; e co-orientado pela Profa. Dra. Marici Martins Magalhães do Museu Histórico Nacional (MHN), Brasil. Membro dos grupos de pesquisa Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ATRIVM / UFRJ), Brasil; Arqueologia Histórica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil; Leitorado Antigo da Universidade de Pernambuco (UPE), Brasil; e Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (LECA / UFPel), Brasil. Agradeço aos apontamentos da colega Airan dos Santos Borges da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil; no que tange aos estudos epigráficos.

² Maiores informações vide: CANDIDO, M. R. A pesquisa de Antiguidade Clássica no Brasil. In: ZIERER, A.; XIMENDES, C. A. História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino. São Luís: Editora UEMA, 2009. p. 281-294; DOS SANTOS, D. V. C. De tablet para tablet – novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. Tempo e Argumento, v. 6, n. 12, p. 212-241, 2014.

metodológico, evitamos a limitação de nossas análises ou a construção de anacronismos históricos, ou generalizações (CAMPOS, CANDIDO, 2011, p. 13-24). Contudo, Norberto Guarinello (2003, p. 41-61) salienta que tal emprego teórico-metodológico não deve ser feito de forma aleatória e descuidada sobre o objeto. Dessa forma há uma necessidade de flexibilização dos aparatos devido às especificidades da documentação. Logo, como pesquisadores devemos estar atentos à adequação de nossas propostas e aos diversos instrumentos que recorreremos para se tentar entender e interpretar os acontecimentos que permearam o “Mundo Antigo”.

Endossamos a proposta acima ao recorrermos à *cultura material*, que entendemos como tudo aquilo que foi produzido materialmente pela ação humana. É uma documentação que nos proporciona refletir as práticas sociais de uma sociedade, por ser fragmento das *configurações de poder* do passado que chegou até o tempo presente, como destacou os estudos de Penélope Allison (2006, p. 344). Em meio à vastidão de objetos que o estudo da *cultura material* abrange, nos centraremos no domínio da Epigrafia. Tal seleção é oriunda das múltiplas leituras que as inscrições epigráficas proporcionam aos estudiosos³. Deste modo, em nosso caso, notamos que os estudos epigráficos contribuíram de forma sistemática para a compreensão das interações político-religiosas no *municipium*⁴ de *Sagutum*, assim resultando na dissertação de mestrado intitulada *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)*.

Mas o que vem a ser a Epigrafia? Segundo José d’ Encarnação (1979, p. 07), a Epigrafia é uma área do saber que se dedica ao estudo das inscrições em materiais duros, tais como pedra, metal, cerâmica e outras variações. O seu foco de análise não se resume à mera decifração e descrição do texto, sendo uma das atividades do epigrafista a contextualização histórica das inscrições epigráficas⁵. Analisando os escritos D’ Encarnação (2010, p. 13), verificamos que esse estudo abrange o domínio das inscrições que se remetem a elementos da religião, culto aos mortos, onomástica, legislação, monumentos importantes, personagens ilustres, vida econômica, cotidiano e, podemos inserir também, os aspectos políticos.

³A dissertação de Carlos Eduardo da Costa Campos foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com orientação da Profa. Dra. Maria Regina Candido - UERJ e Co-orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Funari – UNICAMP. A pesquisa contou com o suporte da Profa. Dra. Marici Martins Magalhães, no que cabe aos estudos epigráficos e o fomento da CAPES. Maiores informações: CAMPOS, C. E. C. *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

⁴Um município é uma comunidade que foi constituída – organizada – de uma forma determinada e administrativamente, não sendo somente um agrupamento de famílias que foram enviadas por uma metrópole. Os cidadãos que formam os municípios são os *municipes* (CAMPOS, 2013, p. 120).

⁵Segundo José d’ Encarnação, também podemos denominar uma inscrição epigráfica usando a terminologia epígrafe, pois a mesma é considerada como o seu sinônimo entre os epigrafistas, arqueólogos e demais pesquisadores de cultura clássica. Encarnação frisa que esse termo designa “[...] o texto propriamente dito ou o monumento epigráfico no seu conjunto” (1979, p.07). Evidenciamos que no Brasil é recorrente o emprego do termo epígrafe nas produções sobre cultura clássica. Desse modo, indicamos os estudos de Pedro Paulo Funari e Renato Pinto (2004), Marici Martins Magalhães (2006), Norma Musco Mendes (2014) e Airan dos Santos Borges (2014) como exemplos do uso dessa terminologia.

Para José D’Encarnação e Pierre Cabanes, os textos grafados apresentam um contexto histórico sobre o qual se necessita refletir para que se possa problematizar as motivações daquele registro, a seleção do suporte, a inserção em um determinado modelo de monumento, a seleção de um estilo de palavras e a omissão de outras, bem como o espaço em que se encontravam alocadas de forma visível para a sociedade (CABANES, 2009, p. 77; D’ENCARNAÇÃO, 2010, p. 14). Percebemos que, em muitos casos, as inscrições epigráficas denotam a dinâmica das cidades, desvelando os conflitos, acomodações e modificações históricas através do estudo sistemático dos diferentes períodos e regimes políticos (CABANES, 2009, p. 77-8).

Segundo Peter Heather (1988, p. 221), a cultura escrita e as suas inscrições estavam intimamente ligadas ao exercício do poder em diversos níveis da sociedade romana. Logo, o autor frisa que a cultura escrita era um instrumento básico para os segmentos dirigentes do império, quer seja para o quesito fiscal e/ou para a administração dos territórios subjugados. Através dos vestígios arqueológicos, podemos verificar hierarquias e sólidas relações de poder tanto entre Roma e a província, quanto entre os magistrados e a elite local (BUSTAMANTE, 2006, p. 123). Ao prosseguirmos com nossas análises, notamos que Borja Díaz Ariño comenta que a aparição das inscrições epigráficas latinas nas Hispanias foi o resultado das interações culturais dos nativos com as populações romanas que vieram a controlar os territórios hispanos. Para Ariño (2008, p. 29), estudar essas inscrições significa estar atento ao contexto histórico e às transformações pelas quais o sistema político dessa região passou nos longos anos de controle territorial romano, como em Sagunto.

Todavia, para ajustarmos nossas lentes de análise para essa multiplicidade de indícios históricos tivemos de procurar uma metodologia que fosse apropriada para as especificidades das inscrições epigráficas. Desse modo, a partir das leituras efetuadas sobre o conjunto metodológico exposto pelos pesquisadores do NEA/UERJ, e que se encontra na coletânea *A Busca do Antigo* (2011, p.13-24), procuramos tecer um instrumento de catalogação para análise de inscrições epigráficas que fosse apropriado à nossa documentação. Tal procedimento passou a ser elaborado sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Regina Candido no período de produção da dissertação entre 2011 e 2013⁶, no Programa de Pós-Graduação em História da UERJ.

As etapas que integram a metodologia serão fragmentadas no texto com intuito de propiciar uma análise mais detalhada de cada fase. Assim, a primeira parte da grade foi desenvolvida *expondo a imagem, o texto em latim* e sua *interpretação* para o português. Além desses dados, apresentamos também a *referência do catálogo* que recorreremos para obter tais dados e inserimos o *nome do intérprete* do texto original para o idioma de publicação do texto. Como exemplo segue a primeira parte da tabela:

⁶Ressaltamos que essa metodologia também constituiu-se em um trabalho coletivo, no qual as visões expostas nas bancas de qualificação e defesa pelas Professoras Doutoradas Tania Bessone – UERJ e Regina Maria da Cunha Bustamante – UFRJ, bem como as contribuições da Profa. Dra. Marici Martins Magalhães foram preciosas para expandirmos nossos horizontes de expectativas.

| Ficha – nº 01 | | |
|---|---|---|
|  | <p>Texto no Latim Q(uinto) • Fabio • Cn(aei) • f(ilio) Gal(eria tribu) • Gemino Pontif(ici) • salio d(ecreto) • d(ecurionum)</p> | <p>Interpretação: Quinto Fabio Gemino Filho de Cneu, da tribo Galéria Pontífice e Sálío por decreto dos Decuriões</p> |
| <p>Catálogo de inscrições epigráficas: CORELL, J. <i>Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)</i>. Vol. 1. Valencia: Universidad de Valencia, 2002. nº: 63, p. 142-3 Interpretação: Carlos Eduardo da Costa Campos e Marici Martins Magalhães.</p> | | |

Figura 1: Primeira parte da grade de análise epigráfica.

Ao prosseguirmos com a análise metodológica, entramos na segunda etapa de *identificação* de nossa inscrição. Iniciamos apresentando o número que é conferido a nossa *inscrição*, ou seja, o número um. Após esse processo passamos para o *tipo de suporte* no qual a referida inscrição foi encontrada. Em nosso exemplo, a inscrição epigráfica foi elaborada em um pedestal de calcário. Destacamos que tais inscrições, também, podem ser encontradas em outros tipos de suportes materiais⁷. Outro elemento a ser observado é o *discurso epigráfico* para conseguirmos conferir a *qualificação* de nosso documento e assim classificá-lo como *fúnebre, honorífico, defixiones, doméstico, de caráter descontínuo e votivo* (CAMPOS, 2013, p. 127; CORELL, 2002). Após essa atividade, passamos para a *datação* mais aproximada em que o objeto de análise foi produzido e a sua *manifestação da língua*. No que tange a espacialidade em que a inscrição foi encontrada, temos o *topos* diretamente associado ao local em que o suporte da inscrição epigráfica ficava situado, nesse caso seria um pedestal no fórum romano saguntino, na antiga Hispania Tarraconense. Devemos mencionar que o número de *registro* para acesso e conferência do leitor. Em nossas pesquisas nos centramos no cotejamento de dados presentes no *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, com o livro *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)* que foi publicado em 2002 e elaborado pelo epigrafista Josep Corell. O autor em seu livro apresenta o conjunto de inscrições que por ele foram recolhidas, estabelecidas e catalogadas, em Sagunto. Também nos cabe informar o *tamanho* da inscrição,

⁷ Gregory Rowe argumenta que diversos eram os suportes de inscrição epigráfica como placas de mármore, bem como o bronze ou a liga de outros metais. Além disso, havia inscrições em paredes e demais locais públicos que também devem ser levados em consideração pelos pesquisadores (ROWE, 2009, p. 27-8).

para observarmos a visibilidade que a mesma ocupava diante dos cidadãos, bem como o *material de produção do artefato* para analisarmos os recursos que podem ter sido investidos nesse suporte.

| • Identificação | |
|----------------------------------|---|
| Inscrição | Nº01 |
| Tipo de Suporte | Pedestal |
| Qualificação | Inscrição Honorífica |
| Datação | Século I d.C. |
| Manifestação da Língua | Latim |
| Topos | Fórum Romano |
| Procedente | Sagunto – Espanha |
| Registro | CIL ² 14.359; Corell (2002: p.142-3, nº63) |
| Tamanho | Aproximadamente: 1 m e 65 cm comprimento x 55 cm de largura x (?) espessura não informada |
| Material de Produção do Artefato | Calcário Azul |

Figura 2: Segunda parte da grade de análise epigráfica com a identificação da inscrição.

A penúltima parte de nossa tabela foi intitulada de *elementos do discurso*, como um instrumento para a compreensão do *sujeito* que a inscrição epigráfica menciona, bem como a sua *posição na magistratura e no colégio sacerdotal*. Com esses dados em mãos podemos tecer um estudo prosopográfico⁸ que seja capaz de desvelar a proeminência política de determinadas *gentes*⁹ nas áreas provinciais pelo papel que as mesmas ocupavam no *cursus honorum* e nos *collegia sacerdotarum* locais. Ainda podemos agregar o fato da *tribo*, em que tal homem se encontrava inscrito como quesito para compreendermos o estatuto jurídico de sua cidadania.

| • Elementos do Discurso | |
|----------------------------------|---------------------|
| Sujeito | Quinto Fabio Gemino |
| Posição na Magistratura | Não mencionada |
| Posição nos Colégios Sacerdotais | Pontífice e Sálio |
| Tribo | Tribo Galéria |

Figura 3: Terceira parte da grade de análise epigráfica sobre os elementos discursivos contidos na inscrição.

⁸A partir dos escritos da historiadora Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, foi possível ver as aplicabilidades do método prosopográfico no campo da História. Segundo a autora, a prosopografia nos possibilita selecionar o conjunto de pessoas que vamos estudar e, a partir deste recorte, compreender o perfil e atuação do referido grupo, seu processo de formação, suas relações sociais, econômicas, políticas e religiosas. Logo, frisamos que, no âmbito das oligarquias locais do império romano, as análises prosopográficas são um elemento-chave para compreendermos as alianças e resistências para com Roma (FERREIRA, 2002, p.2).

⁹Analisamos a *gens* como um termo que designa um clã romano, aplicável também aos itálicos e provinciais. As *gentes* são uma conceituação ampla que ainda pode ser definida como uma super família. Tais grupos familiares de homens que integram uma mesma *gens* possuem como elemento identitário o *nomen* que indica a sua matriz familiar e, consequentemente, sua descendência de um ancestral comum (CAMPOS, 2013, p.129).

Os últimos procedimentos que aplicamos metodologicamente no tratamento das inscrições epigráficas consiste na análise da *situação comunicativa* do texto epigráfico e as suas *referências*. Ao analisarmos as inscrições é necessário destacar se há *palavras indecifráveis*, pois, devido a ação do tempo, algumas partes do suporte podem ter sido deterioradas e, com isso, palavras ou letras foram apagadas. Em nosso estudo de caso não foram identificadas palavras indecifráveis. As *referências* ao final da tabela possibilitam a exposição de trabalhos e/ou catálogos sobre as inscrições que se encontram em estudo. Uma forma de democratizar o conhecimento e possibilitar novos estudos sobre o tema, além de fundamentar a nossa abordagem.

| | |
|--|----------------|
| • Situação Comunicativa | |
| Palavras Indecifráveis | Não apresentou |
| • Referências | |
| CORELL, Josep. <i>Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)</i> . Vol.1. Valencia:Universidad de Valencia, 2002. nº: 63, p.142 | |
| GONZÁLEZ, Véronica Marsá. Inscipciones de Sagunto: Los Sacerdotes de Salios de Roma. In: <i>Revista Millars: Espai i Història</i> , ano 2007, nº:30, pp.21-27. | |

Figura 4: Quarta parte da grade de análise epigráfica sobre a situação comunicativa da inscrição.

Mediante a metodologia explicitada, um campo de possibilidades emerge para a pesquisa histórica. Em nosso caso percebemos como as inscrições honoríficas sobre a *gens Fabia*, no século I d.C., demonstram as categorias sacerdotais (pontífices e sális) que tal grupo exercia na dinâmica social de Sagunto. A *Lex Ursonensis*¹⁰, nos capítulos 66-68, nos fornece indícios importantes sobre os privilégios que os pontífices detinham nas Hispanias. Sendo assim, verificamos que a indicação para o cargo de pontífice era emanado de Roma ou de algum governante na área provincial – este último foi mais frequente, o que denota uma *interconexão* política em vários níveis desta sociedade. O texto também deixa explícito que os detentores do alto comando sacerdotal e os seus filhos estavam isentos de atuação militar e das contribuições públicas (*munera publica*), devido à sacralidade contida no referido sacerdócio. Tais pontos apresentam uma posição de proeminência dos pontífices diante dos demais cidadãos, perspectiva essa que se aplica para a *gens Fabia*.

Quanto aos sacerdotes sális (*salii*), George Szemler (1971, p. 113-4) aponta que geralmente era uma função vitalícia, mas, quando um sacerdote ascendia à outra posição sacerdotal, deveria abdicar de

¹⁰A *Lex Ursonensis* foi promulgada no século I a.C. para a regulamentação da *Colonia Iulia Genetiva* em Osuna, na *Hispania Ulterior*. Para Julio Mangas e Jörg Rüpke, a *Lex Ursonensis* é uma base para se compreender as normatizações que possivelmente regiam a organização das colônias e dos próprios municípios romanos nas áreas provinciais das Hispanias que não possuem vestígios de sua *Lex* de fundação. No caso de Sagunto, a *Lex Ursonensis* poderia ser pensada como aplicável, pois a cidade ocupou o estatuto de *colonia latina* no século I a.C.. Desta forma, as normatizações oriundas de Roma para Sagunto poderiam apresentar similaridades com o conteúdo da *Lex Ursonensis*. Todavia, não temos uma *Lex* de fundação ou normatização que seja propriamente saguntina. (MANGAS, 2001, p.32; RÜPKE, 2006, p.14-5). No que tange ao conteúdo da *Lex Ursonensis* ver *Ancient Roman statutes: translation, with introduction, commentary, glossary and index* (1961).

suas atividades enquanto sálío. Segundo Mary Beard, J. North e S. Price (1998, p. 1), os sacerdotes sálíos eram responsáveis por dançar (*tripudium*) em toda a cidade, duas vezes ao ano, carregando seus escudos sagrados especiais e brandindo espadas neles. Segundo Friederike Fless e Katja Moede (2007, p. 253-4), o *tripudium* que os sálíos realizavam poderia estar vinculado a uma antiga forma de dança guerreira. Analisando as características do ritual pela dança, o uso das armas e o caminho por toda a cidade, podemos supor que era voltado para expulsar, de dentro da *urbs* ou da *ciuitas*, elementos como os perigos da guerra ou doenças. Em comparação com as demais inscrições epigráficas da localidade, averiguamos uma inserção de várias *gentes* nas posições de sacerdotes sálíos. A assertiva pode demonstrar que esse foi um dos cargos sacerdotais recorrentemente mais ocupado pela aristocracia saguntina ou de maior acesso para o mesmo.

No que tange as responsabilidades dos sacerdotes retomamos à *Lex Ursonensis*, no capítulo 91, onde verificamos que aqueles que ocupavam as posições de sacerdotes deveriam possuir domicílio dentro do núcleo urbano da cidade ou em até uma milha de distância da mesma. Acreditamos que os sacerdotes poderiam ser requisitados a qualquer momento, em virtude de uma instabilidade na natureza ou no âmbito social. Podemos compreender, com tal exigência, o grau de atuação que os sacerdotes possuíam entre os séculos I a.C. e I d.C.

Na esfera do recrutamento dos sacerdotes saguntinos, observamos que os mesmos integravam a aristocracia local, a qual exercia posições de influência na magistratura. Assim, os colégios sacerdotais selecionavam os novos membros de seu interesse sem demasiado controle externo a eles. Todavia, na escolha de um sacerdote saguntino, podemos apontar que o critério censitário e o estatuto que o mesmo possuía na magistratura eram fundamentais para o alcance das posições de comando religiosas. Nesse caso, as *redes de poder* começam a ser desveladas a partir de um estudo conjectural com outras inscrições epigráficas. Logo, a Epigrafia foi um recurso documental de demasiada utilidade para lançarmos luz sobre as relações entre os detentores da cidadania e o seu território, reforçando hierarquias sociais e demarcando os poderes das *gentes* locais.

Em suma, a partir das leituras sobre Jan Assmann (2003, p. 5), pontuamos que as análises sobre as inscrições são elementos essenciais para compreendermos a produção da *memória cultural* de um evento ou sujeito histórico, a qual se tornou passível de transmissão pelas gerações posteriores, se eternizando, superando a morte física e/ou social e evitando o seu famigerado esquecimento. Sendo assim, quando empregamos uma metodologia de análise epigráfica, também notamos a funcionalidade da escrita como uma forma de *memória* capaz de registrar dados que nenhuma mente humana seria capaz de guardar. As inscrições epigráficas possuíam uma função aproximada a de uma “voz”, devido à sua capacidade de atingir receptores que se encontravam distantes e impossibilitados de ouvir uma determinada ordem ou decreto emitido por seus governantes nas variadas áreas do Império Romano.

Dessa maneira, nos domínios imperiais a escrita epigráfica foi uma forma de fazer uma ordem, ou homenagem, percorrer o espaço territorial¹¹. Logo, as inscrições possibilitavam concretizar e disseminar novas formas de controle, administração e legitimação do *status* político dos magistrados para gerirem os novos territórios conquistados. Sendo assim, a escrita epigráfica possibilitou aos homens do passado, como a comunidade local de Sagunto, transporem as fronteiras do espaço e do tempo, assim perpetuando na *memória* as marcas de sua antiga ordem social. A assertiva pode ser ratificada com o caso da *gens Fabia*, no que tange ao seu papel no sistema político e religioso de Sagunto, desde a época republicana de Roma¹². Dessa forma, reiteramos que diversos elementos se tornaram passíveis de observação quando aplicamos uma análise mais aprofundada, para assim problematizarmos os indícios contidos no conjunto que envolve nosso objeto de pesquisa.

¹¹ Idem.

¹² CAMPOS, C. E. C. *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DOCUMENTAÇÃO

CORELL, J. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Vol.1. Valencia: Universidad de Valencia, 2002.

JOHNSON, A. C.; COLEMAN-NORTON, P. R.; BOURNE, F. C.; PHARR, C. P. (Ed.). *Ancient Roman statutes: translation, with introduction, commentary, glossary and index*. Austin: University of Texas Press, 1961. p. 97-104.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, P. M. Engendering Roman Spaces. In: ROBERTSON, E. C.; SEIBERT, J. D.; FERNANDEZ, D. C.; ZENDER, M. U. (Org.). *Space and spatial analysis in archaeology*. Calgary: University of Calgary Press, 2006. p. 344-50.

ARIÑO, B. D.. *Epigrafía Latina Republicana de Hispania (Colección Instrumenta – 26)*. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 2008.

ASSMANN, J. Para Além da Voz, Para Além do Mito. *Revista Humboldt*, ano 45, p. 3-6, 2003.

BEARD, M.; NORTH, J. A.; PRICE, S. R. F. *Religions of Rome. V. 1 (A History)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BORGES, A.S. “Entre espaços, representações e agentes: a paisagem imperial em cidades da Lusitânia romana”: uma proposta de pesquisa. *R. Museu Arq. Etn. Supl.*, São Paulo, n.18: 141-149, 2014.

BUSTAMANTE, R. M. C. Práticas Culturais no Império Romano: Entre Unidade e a Diversidade. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o Império Romano – Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad: Vitória; Espírito Santo: EDUFES, 2006. p. 110-123.

CABANES, P. *Introdução à História da Antiguidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

CAMPOS, C. E. C.; CANDIDO, M. R.; DUARTE, A. F.; GOMES, J. R. P. Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga. In: ROSA, C. B. *A Busca do Antigo*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011. p. 13-24.

CAMPOS, C. E. C. *A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CANDIDO, M. R. A pesquisa de Antiguidade Clássica no Brasil. In: ZIERER, A.; XIMENDES, C. A. *História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino*. São Luís: Editora UEMA, 2009. p. 281-294.

D’ ENCARNAÇÃO, J. *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*. Coimbra: Instituto Arqueologia e de História da Arte da Universidade Coimbra, 1979. Cadernos de Arqueologia e Arte, nº: 01.

- D' ENCARNAÇÃO, J. *Epigrafia: As Pedras que Falam*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2010.
- DOS SANTOS, D. V. C. De tablet para tablet – novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. *Tempo e Argumento*, v. 6, n. 12, p. 212-241, 2014.
- FERREIRA, T. M. T. B. C. História e prosopografia. *Anais do Encontro Regional de História – ANPUH-RJ*, 2002.
- FLESS, F.; MOEDE, K. Music and Dance: Forms of Representation in Pictorial and Written Sources. In: RÜPKE, J. *A Companion Roman Religion*. Malden-EUA; Oxford-Ingl.: Blackwell Publishing, 2007. p. 253-255.
- FUNARI, P. P. A.; PINTO, R. Inscrições Latinas da Província Romana da Bretanha. *Revista de Letras Clássicas*, n. 8, p. 149-155, 2004.
- GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. *Revista Politéia: História e Sociologia*, Vitória da Conquista, v. 03, n. 01, p. 41-61, 2003.
- HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Ed. UnB, 2003.
- HEATHER, P. Cultura Escrita e Poder no Período Migratório. In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. *Cultura Escrita no Mundo Antigo*. São Paulo: Ed. Ática, 1998. p. 221-23.
- MAGALHÃES, M. M.. Apresentação. In: DA SILVA, G. V; MENDES, N. M. Repensando o Império Romano. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória:EDUFES, 2006, p. 9-12.
- MANGAS, J. *Leyes coloniales y municipales de la Hispania Romana*. Madrid: Ed. Arco Libros, 2001.
- MENDES, N.M. A província da Lusitania: sistema econômico global e local. R. Museu Arq. Etn. Supl., São Paulo, n.18: 49-58, 2014.
- ROWE, G. Epigraphical Cultures of the Classical Mediterranean: Greek, Latin, and Beyond. In: ERSKINE, A. (Org.). *A Companion to Ancient History*. Massachusetts-USA; Oxford-UK: Blackwell Publishing Ltd., 2009. p. 27-33.
- RÜPKE, J. Urban religion and imperial expansion: Priesthoods in the *lex Ursonensis*. In: BLOIS, L.; FUNKE, P.; HAHN, J. *The impact of imperial Rome on religions, ritual and religious life in the Roman Empire*. Leiden-Boston: Brill, 2006. p. 14-9.
- SZEMLER, G. Religio, Priesthoods and Magistracies in the Roman Republic. *Numen*, v. 18, Fasc. 2, Aug., 1971.

Anexo:

Metodologia de Análise Epigráfica

Ficha – nº 01



Texto no Latim

Q(uinto) • Fabio • Cn(aei) • f(ilio)
Gal(eria tribu) • Gemino
Pontif(ici) • salio
d(ecreto) • d(ecurionum)

Interpretação:

Quinto Fabio Gemino
Filho de Cneu, da tribo
Galéria
Pontífice e Sálio por
decreto dos Decuriões

Catálogo de inscrições epigráficas:

CORELL, Josep. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Vol.1. Valencia:Universidad de Valencia, 2002. nº: 63, p.142-3

Interpretação: Carlos Eduardo da Costa Campos e Marici Martins Magalhães.

• **Identificação**

| | |
|----------------------------------|---|
| Inscrição | Nº01 |
| Tipo de Suporte | Pedestal |
| Qualificação | Inscrição Honorífica |
| Datação | Século I d.C. |
| Manifestação da Língua | Latim |
| Topos | Fórum Romano |
| Procedente | Sagunto – Espanha |
| Registro | CIL ² 14.359; Corell (2002: p.142-3, nº63) |
| Tamanho | Aproximadamente: 1 m e 65 cm comprimento x 55 cm de largura x (?) espessura não informada |
| Material de Produção do Artefato | Calcário Azul |

• **Elementos do Discurso**

| | |
|----------------------------------|---------------------|
| Sujeito | Quinto Fabio Gemino |
| Posição na Magistratura | Não mencionada |
| Posição nos Colégios Sacerdotais | Pontífice e Sálio |
| Tribo | Tribo Galéria |

• **Situação Comunicativa**

| | |
|------------------------|----------------|
| Palavras Indecifráveis | Não apresentou |
|------------------------|----------------|

• **Referências**

CORELL, Josep. *Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*. Vol.1. Valencia:Universidad de Valencia, 2002. nº: 63, p.142

GONZÁLEZ, Véronica Marsá. Inscripciones de Sagunto: Los Sacerdotes de Salios de Roma. In: *Revista Millars: Espai i Història*, ano 2007, nº:30, pp.21-27.

Recebido em:14/08/2015
Aprovado em:11/09/2015
Publicado em:27/10/2015